

Tecnologias: uma Nova Educação para uma Nova Era

2ª TEN/RM2/QT Angélica Francisca de Araujo

A informática deverá assumir duplo papel na escola. Primeiro será uma ferramenta para permitir a comunicação de profissionais da escola e consultores ou pesquisadores externos, permitindo a presença virtual desse sistema de suporte na escola. Segundo, ser usada para apoiar a realização de uma pedagogia que proporcione a formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que serão fundamentais na sociedade do conhecimento. É importante deixar claro que somente a inclusão da informática na escola não é indicação de mudança.

Mais ainda, o aluno usar o computador para realizar tarefas não atesta que ele compreendeu o que fez. Isso significa que a mudança pedagógica que pretendemos, não é passível de ser resolvida com uma solução mágica, com a compra de equipamentos sofisticados. Essa mudança é muito mais complicada e os desafios são enormes. Porém, se eles não forem atacados com todos os recursos e energia que nós, educadores, dispomos, corremos o risco de termos que nos contentar em trabalhar em um ambiente obsoleto e em descompasso com a sociedade atual.

Avanços nas áreas tecnológicas têm dado surgimento a recursos que muitas vezes são incorpo-

rados em outras áreas com propósitos diferentes. O computador é um dos recursos da tecnologia que tem despertado pesquisas quanto seus possíveis usos na educação. Para os alunos, o computador pode surgir como uma fonte de motivação, enquanto que para os professores pode representar a habilidade de ensinar de maneira inovadora ou de simular fatos do mundo real.

O desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar pelos caminhos que levem ao aprender. Na realidade, torna-se essencial que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a aprender.

O desejo de mudança da prática pedagógica se amplia na sociedade da informação quando o docente se depara com uma nova categoria do conhecimento, denominada digital. Segundo Pierre Lévy (1993), *“O conhecimento poderia ser apresentado de três formas diferentes: a oral, a escrita e a digital”*.

Implantar mudanças na escola, adequando-a às exigências da sociedade do conhecimento constitui hoje um dos maiores desafios educacionais segundo Hargreaves (apud Valente 2002). A escola é um espaço de trabalho complexo, que envolve inúmeros outros fatores, além do professor e alunos. A implantação de novas idéias depende, fundamentalmente, das ações do professor e dos seus alunos. Porém essas ações, para serem efetivas, devem ser acompanhadas de uma maior autonomia para tomar decisões, alterar o currículo, desenvolver propostas de trabalho em equipe e usar novas tecnologias da informação. De acordo com Garcia (apud Valente 2002), *“É preciso pensar o novo papel do professor de modo amplo, não só com relação ao seu desempenho frente à classe, mas em relação ao currículo e ao contexto da escola”*. Portanto, a mudança na escola deve envolver todos os participantes do processo educativo – alunos, professores, diretores, especialistas, comunidade de pais.



O reconhecimento da era digital como uma nova forma de categorizar o conhecimento não implica descartar todo o caminho trilhado pela linguagem oral e escrita, nem mistificar o uso indiscriminado de computadores no ensino, mas analisar com critério os recursos eletrônicos como ferramentas para construir processos metodológicos mais significativos para aprender.

A linguagem digital, segundo Pierre Lévy (1999a), apresenta-se nas novas tecnologias eletrônicas de comunicação e na rede de informação. O paradigma na era digital, na sociedade da informação, enseja uma prática docente assentada na construção individual e coletiva do conhecimento.

O docente precisa servir-se da informática como instrumento de sua prática pedagógica, consciente de que a lógica do consumo não pode ultrapassar a lógica da produção do conhecimento. Nessa ótica, o computador e a rede devem estar a serviço da escola e da aprendizagem.

Os alunos passam a ser descobridores, transformadores e produtores do conhecimento. A qualidade e a relevância da produção dependem também dos talentos individuais dos alunos que passam a ser considerados como portadores de inteligências múltiplas. Inteligências que vão além das lingüísticas e do raciocínio matemático que a escola vem oferecendo. Como parceiros, professores e alunos desencadeiam um processo de aprendizagem cooperativa para buscar a produção do conhecimento.

Nunca, na história da humanidade, a relação entre informação, conhecimento e cidadania esteve tão próxima. Hoje, para que as novas tecnologias dêem sua contribuição à democracia, é preciso receber, elaborar e produzir informações e pontos de vista de forma interativa. Essa realidade torna o acesso à informação digital uma necessidade para o desenvolvimento econômico, cultural, político e social do País.

No atual cenário de crescente e rápido desenvolvimento de Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, como o computador e a Internet, o mundo passou a depender muito da rapidez da informação em todos os setores da vida social. Não só isso. O acesso à informação constitui direito inalienável, fundamentado na educação.

O Brasil está caminhando para um processo mais amplo de inclusão digital. O acesso à cultura é uma possibilidade cada vez mais real do mundo virtual. Nesse processo de disponibilidade de acesso à Internet e correio eletrônico a todos, sem distinção, a socieda-

de civil deve ser necessariamente compatível com as condições das comunidades a serem integradas.

Podemos dividir os problemas que a realidade educacional apresenta, basicamente, em dois níveis de abordagem.

Um de natureza estrutural, somente pode ser levado a efeito a partir do contexto social em que os problemas se inserem, sendo fatores determinantes os de ordem sócio - cultural e político - econômica. Este nível exige a contribuição dos diversos campos do conhecimento científico, mas é fundamental que nele a Educação mantenha a sua especificidade, e cumpra a sua função mediadora, não embarcando em canoas cujo controle lhe escapa.

O segundo, de natureza operacional, leva em conta os métodos e as técnicas que são utilizados ou serão desenvolvidos para a consecução dos fins estabelecidos no primeiro nível. A importância deste segundo nível é indiscutível, uma vez que é através dele que se examinam as etapas que conduzem do planejamento à ação efetiva. Mas é fora de qualquer dúvida que ele deve alicerçar-se no anterior e, mesmo, subordinar-se a ele.

Em geral, da competente articulação entre estes dois níveis de abordagem resulta a eficácia do planejamento. Por um lado, procurar a solução para nossos problemas educacionais a partir de alterações exclusivamente metodológicas ou da utilização sistemática de recursos tecnológicos, sem recorrer a um nível de análise estrutural, é pôr o carro na frente dos bois. Por outro lado, análises que levam em conta exclusivamente a estrutura global dos problemas, sem estabelecer os caminhos que conduzem à ação efetiva, correm o risco dos desvios de interpretação. Além disso, freqüentemente, em tais análises, a Educação perde muito da sua especificidade, sendo seus problemas imersos em outros mais abrangentes, o que, simultaneamente, enfatiza a sua importância e a sua impotência.

BIBLIOGRAFIA:

1. DEMO, P. *A Nova LDB: Ranços e Avanços*. Campinas. São Paulo. Papyrus, 1997.
 2. LEVY, P. (1993) *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo. Editora 34.
 3. PIAGET, J. (1978). *Fazer e Compreender*. São Paulo. Editora Melhoramentos e Editora Universidade de São Paulo.
 4. VALENTE, J. A. (2001). *O Computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas. NIED - UNICAMP.
-
-